

# DIFICULDADES E SONHOS DO ARTISTA POPULAR

O artista acreano Hélio Mello acaba de editar de maneira singela dois pequenos cadernos sobre sua região, a Amazônia. Um é escrito com as suas próprias letras, sem passar pela máquina de escrever, e chama-se 1ª Cartilha Popular — Do Seringueiro para o Seringueiro. O segundo é uma história da Amazônia, narrada de maneira simples, uma conversa sobre a região, contada de um seringueiro a outro e também um cântico aos nordestinos que foram trabalhar na extração da borracha, muitos atraídos à região devido à seca de 1877. A história é a mesma de sempre: "As pessoas lotaram as cidades em busca

de sobrevivência, mas não tiveram auxílio da parte do governo, a não ser trabalho; e, assim mesmo, não para todos, pois era grande o número de pessoas necessitadas", escreve Mello, que ilustra os dois cadernos.

As ilustrações foram originalmente feitas a cores, mas nesta edição, custeada com os poucos recursos do artista, não entrou nenhuma e os livros lembram as edições dos poetas marginais da Zona Sul, porém muito mais pobre e muito mais marginal. Isso diminui bastante a riqueza visual dos trabalhos de Mello e é pena que ninguém no Acre — onde o artista trabalha como vigia noturno de uma empresa,

depois de ter sido seringueiro — o auxilia-se numa edição mais adequada para os seus luminosos desenhos.

Há algum tempo Mello expôs no Sesc da Tijuca e entusiasmou um escultor refinado e culto como Sérgio Camargo. Em seu sítio em Jacarepaguá, Camargo exibiu uma série de desenhos do artista, convidando críticos para observarem a luz que Mello conseguia retirar com suas tintas extraídas da seiva das raízes das árvores de sua região. A luz é fundamental nas esculturas e relevos de Camargo, daí a atração do escultor, que carregava uma lupa para alargar e melhor admirar os traços de Mello. O artista ainda participou de uma individual na galeria Sérgio Milliet, na Funarte, e esteve este ano no MAM, com uma mostra sobre a paisagem brasileira. Mello não é um artista, como se pode imaginar, que está no sucesso, embriagando de chiques estéticos nossas dondocas, capazes de sustentarem todas as gradações de olhs admirativos diante da arte popular.

Semana passada, a questão da situação do artista popular foi discutida em São João da Barra, a duas horas do Rio, um esplêndido local turístico, ainda não totalmente varrido pela especulação imobiliária. Foi na casa do poeta Casimiro de Abreu, transformada em museu. A direção é do engenheiro Paulo Pardal, um entusiasta da arte popular, colecionador das carrancas do célebre mestre Guarany. Foi ele quem teve a idéia de organizar o debate. A situação, de fato, não é boa. Um artista local, Tabibuia, que trabalha cortando madeira e faz esculturas com este material, estava expondo no museu. Como muitos artistas do gênero, suas obras nascem dos seus sonhos. "Eu sonho antes de fazer uma escultura", explica Tabibuia. Seus trabalhos são expressões primárias

dos sonhos, as figuras expressam, sempre na mesma obra, o macho e a fêmea, ambivalência que jorra da sua vida onírica. Alguns trabalhos de Tabibuia encontram compradores, mas o artista, muitas vezes, é simplesmente assaltado. Levam as obras e não lhe pagam.

Procurou-se discutir em São João da Barra o clássico tema de como preservar a cultura deste tipo de artista e como evitar que o enganem comercialmente, além do incentivo local que esse tipo de arte poderia possuir. No Brasil, esses problemas são todos emaranhados e geralmente chega-se à contestação sociológica de manter tal produção à medida que o capitalismo e organizações novas visuais (televisão, revistas, etc), vão chegando pelas estradas rurais. O problema do mercado também é clássico. É comum, o mercado descobrir o artista popular, devorá-lo e depois afastar-se dele. O mesmo que acontece com muitos jogadores de futebol. Um artista fluminense como Mundinho foi exigido pelo mercado, mudou de material para produzir mais, sua obra enfraqueceu e hoje não é mais procurado. Um artista erudito dentro do mercado de arte diria que estava numa nova fase. Isso faz parte da racionalização do sistema de arte, mas não entra no mundo de Mundinho. O que fazer? O Estado procura apoiá-los, mas geralmente não resolve problema nenhum. Fascinantes, como são os desenhos do acreano Hélio Mello ou os sonhos de ambivalência sexual de Tabibuia, artistas, eruditos ou populares, têm necessidade de se expressar e isto está aquém da lógica do mercado. Tabibuia jamais pensa em vender suas obras. Ele primeiro sonha e, ao menos até agora, sonhar é barato.

WILSON COUTINHO



O drama dos seringueiros na selva amazônica, visto pelo artista acreano Hélio Mello

J. B. -  
Canoa 3  
20/06/84